

## A CONEXÃO PLANETÁRIA: O MERCADO, O CIBERESPAÇO, A CONSCIÊNCIA<sup>1</sup>

Eduardo Marandola Jr.<sup>2</sup>

Sem dúvida, Pierre Lévy, este incrível pensador da era da informática, está encabeçando a lista dos grandes otimistas da atualidade. E não o faz porque é dono de uma grande empresa de armas ou o potentado de vastas terras repletas de petróleo. Não está entre os que estão crescendo com a União Européia nem entre as milionárias empresas *high tech* do Vale do Silício ou do Japão. Este francês, nascido em meados da década de 1950, aluno de celebridades intelectuais como Michel Serres e Cornelius Castoriadis, com formação em filosofia e dedicado ao estudo das novas tecnologias teleinformáticas, é um otimista porque, segundo ele mesmo, decidiu “amar este mundo tal qual ele é”. Por que? “Eu o amo e o canto muito, simplesmente porque não há outros” (p.11).

Estas são apenas algumas das instigantes e polêmicas posturas que o “filósofo do ciberespaço”, ou “antropólogo do virtual”, deslinda em seu livro *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*, recentemente traduzido para o português.

Editado em 2000 na França, este é um livro que serve de ápice de uma série de análises desenvolvidas pelo autor ao longo das últimas duas décadas. Desde seus primeiros ensaios e livros, sempre na perseguição de temas como “cibercultura”, “tecnologias da inteligência”, “inteligência coletiva”, “ciberespaço”, “virtual” e tantos outros que se tornaram tão populares e cada vez mais cotidianos de cada um de nós durante a década de 1990, o autor têm investigado cabalmente as mutações nas formas de cognição e sociabilidade nas subjetividades e na cultura, buscando entender como as chamadas “novas tecnologias teleinformáticas” têm imprimido e conduzido tais mudanças.

Neste amplo e polêmico debate encerram-se, em geral, duas posturas opostas: a dos pessimistas e a dos otimistas. Lévy é um dos grandes otimistas, procurando ver nestas mutações as formas como a humanidade tem e pode se beneficiar, aumentando grandemente as possibilidades de inteligência e de produção e circulação do conhecimento.

É por isso que este livro é uma marca importante. É o re-olhar do pequeno Lévy, de oito anos, que se comprometia consigo mesmo no ano 2000, perguntando-se o que a humanidade seria e teria feito até o enigmático “virar de milênio”. Este livro, portanto, é o

---

<sup>1</sup> LÉVY, Pierre. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. (trad. Maria L. Homem e Ronaldo Entler). São Paulo: Ed.34, 2001. 189p.

<sup>2</sup> Licenciado e Bacharel em Geografia. Pesquisador Colaborador do Laboratório de Pesquisas Urbanas e Regionais do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina - LPUR/UEL. Londrina-PR. Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas - IG/UNICAMP, Campinas-SP. e-mail: marandola@yahoo.com.

encontro e o balanço. É uma visão das possibilidades abertas e das ainda por abrir que a humanidade possui para o mercado, o ciberespaço e a consciência.

Como diz o título, estas perspectivas são vistas no sentido planetário. O livro começa com o “Manifesto dos Planetários”, onde o autor aponta o sentido irreversível desta comunhão universal. Trata-se de uma visão geral do processo de distribuição demográfica e das revoluções tecnológicas, perseguindo a idéia de humanidade. Lévy coloca três momentos cruciais. O primeiro é a dispersão a partir de um único ponto, rompendo com o convívio total de toda a humanidade. Rompe-se a idéia de unidade da espécie devido à distância e à fragmentação. O segundo momento é a primeira revolução, chamada pelos antropólogos de “revolução neolítica”. É o advento das cidades, Estados, agricultura e escrita. Esta revolução provocou a fixação dos homens e sua densificação, aglutinando e complexificando. O aumento demográfico não significava mais a dispersão, e as cidades passaram a prosperar.

O autor focaliza muito bem a ruptura gerada por esta revolução, que dividiu os sedentários dos nômades, os habitantes das cidades e os não habitantes. Além disso, gradativamente o modelo “revolucionário” tracionou para si o modelo antigo, resultando no que hoje vemos: o Estado nacional como padrão mundial de organização das sociedades e a maior parcela da população vivendo em cidades. Embora saibamos, como lembra Lévy, que esta revolução não foi total, pois ainda temos povos nômades vivendo em algumas partes do mundo.

O terceiro momento é o que Lévy chama de revolução noológica, trazendo a noção do abstrato, do imaterial, no foco da revolução vivida hoje. O autor proclama a reconexão da humanidade e a multiplicação dos planetários, ou seja, aqueles que vivem o mundo. A principal característica destes é a sua mobilidade, que é diferente do nomadismo. Lévy destaca que nunca a humanidade viajou tanto, migrou tanto, miscigenou-se em tamanha magnitude e esteve tão próxima de tudo.

O autor não ignora a exclusão que os processos desta revolução provocam. Porém, ele discute de forma lúcida a nova forma de centralidade. Conforme relata:

[...] Como a distribuição geográfica da riqueza não tem, há muito tempo, mais nada a ver com a abundância da caça, com a fertilidade natural dos solos, nem com a riqueza do subsolo, somos obrigados a admitir que ela é resultado do modo de organização das populações, da qualidade da produção e da reprodução da cultura (p.32)

Nesta perspectiva, as sociedades periféricas são aquelas que têm maior dificuldade de conexão interna e externa, enquanto os centros são aqueles espaços onde a

conexão e a fluidez é mais acentuada, concentrando seus esforços no desenvolvimento e ampliação da inteligência coletiva. A ruptura desta revolução é entre os planetários (o centro) e os não planetários (a periferia), ou seja, os que têm condições de se mover, se conectar e os que não tem.

Outro encaminhamento negativo que Lévy levanta à atual revolução, é o livre trânsito de capitais e investimentos em comparação com o contínuo impedimento de circulação das pessoas. Para ele, seremos definitivamente planetários (um caminho irreversível) quando também forem abolidos tais impedimentos. Não se trata do fim da política ou dos Estados, mas de uma nova concepção de como estes devem agir e como as pessoas devem desenvolver seu senso de identidade. Semelhante à idéia de Morin & Kern, a Terra-pátria é que inspirará o sentido de identidade, e não aquilo que inspira a intolerância e o conflito, de natureza nacional, étnica e religiosa.

Ele avança suas reflexões no segundo capítulo a partir deste entendimento, apontando as formas que a economia assume hoje, “virtualizada” no homo economicus, e o papel da inteligência coletiva neste processo.

No terceiro capítulo o autor “sobe à noosfera” e disserta sobre os pontos que levantam maior polêmica entre seus críticos, como a cultura universal, a cibercultura e, em especial, uma noção que é central neste livro: a consciência universal. Lévy chega ao quarto capítulo levantando esta possibilidade, apoiado em seu raciocínio de que o retraimento espaço-temporal promovido pelos meios de comunicação e transporte, no processo de reconexão planetária e na aproximação da humanidade num planeta “cada vez menor”, converge no processo de confluência das formas de inteligência e conhecimento, formando a inteligência coletiva e o ciberespaço. Nestes, a consciência tende a reunir-se em si mesma, expandindo-se e tomando conhecimento de espaços cada vez mais vastos. Os planetários têm uma pátria, a Terra, e compartilham uma inteligência coletiva e um grande banco de dados mundial, o ciberespaço, guiados por uma consciência universal, que é possibilitada exatamente pela conexão planetária.

Contudo, este seu amplo “canto de amor”, não é cego. Os pessimistas, que preferem, geralmente, serem chamados de realistas, acusam-no de esquivar-se dos problemas, de não ver o mal. Lévy está preparado para tais críticas:

[...] Decidi amar este mundo tal qual ele é. Adotando essa atitude, tenho a clara sensação de compreendê-lo melhor do que se eu o acusasse ou criticasse [...] Quando percebemos o mundo tal qual ele é como o melhor dos mundos possíveis [...], então, podemos começar a estudar seriamente o mundo real (p.11).

A questão não é ser cego ou ingênuo. A postura que o autor toma é, ao contrário, mais realista do que a dos “realistas”. Não se trata de achar que como está é ótimo. Trata-se, ao contrário, de tomar o mundo como fato e, não por isso, deixar de amá-lo. Se não há amor, como haverá forma de mudá-lo?

Creio que Pierre Lévy dá aqui, em sua postura, uma grande lição aos cientistas e aos próprios geógrafos. Às vezes, obcecados por uma pretensa utilidade social da ciência, nos prendemos aos problemas, à crítica, ao podre, ao esgoto da humanidade que nos cerca. O resultado é uma literatura científica que se debruça demasiadamente nos problemas e na busca de soluções (aplicabilidade). Será que não estamos partindo do ponto errado? Ao invés de partir do entendimento de que tudo está errado, e daí investigar cada campo onde deveria ser diferente, por que não fazer como Lévy, assumindo o amor ao mundo e sua realidade tal qual é? E, a partir desta atitude, compreender o mundo tal como ele funciona para poder pensá-lo e mudá-lo.

É verdade que em muitos pontos Lévy relativiza demasiadamente a importância do espaço e principalmente do lugar, focalizando os vínculos entre as pessoas (a sociabilidade) e praticamente eliminando a importância do lugar (relação homem-meio). Esta já é uma tradição na teoria social que nem os próprios geógrafos conseguem resolver por completo. Por vezes, em vista do argumento de que esta abordagem elimina ou minimiza a Geografia, poucos são aqueles que se preocupam seriamente em mostrar a relevância e a importância dos espaços e dos lugares neste mundo em mutação. E para fazer isso, não precisamos negar este quadro traçado por Lévy. A questão está na pertinência de uma abordagem geográfica, independente do retraimento espaço-temporal ou da velocidade dos fluxos e das conexões. A questão está em ver o mundo tal qual ele é e, a partir daí, contribuir para compreendê-lo, no presente, identificando para onde ele caminha, para depois pensar o que pode e o que precisa ser feito.

Entretanto, admitir que não haja o que ser feito talvez seja o verdadeiro desafio dos cientistas neste novo milênio...Ou talvez não...